

A PULSÃO DE MORTE

Além do princípio do prazer

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. (1914). *Além do princípio do prazer*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp 11-78.
- _____. (1937). *Análise terminável e interminável*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 259.
- VV.AA. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- LAPLANCHE - PONTALIS. "Pulsões de morte". In: *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes 2001, pp.407--414.
- GREEN, A. "Pourquoi le mal?". In: *La folie privée*. Paris: Gallimard, 1990, pp. 369-401.
- PONTALIS, J-B. "Sobre o trabalho da morte". In *Entre o sonho e a dor*. Aparecida: Ideias & Letras; pp. 251-263.
- GIROLA, R. A psicanálise cura? Uma introdução à teoria psicanalítica. Aparecida: Ideias & Letras, 2004 (cf. pp.38-50 e 90).
- _____. **O instinto de morte: concepção freudiana e relação com a filosofia de Schopenhauer**. In:
http://www.robertogirola.com.br/index2.php?option=com_content&view=article&id=161&Itemid=188

INTRODUÇÃO: A PULSÃO DE MORTE

- O conceito introduzido por F. em 1920, na obra *Além do princípio de prazer*. é um dos mais discutidos no âmbito da teoria psicanalítica
- O conceito de pulsão de morte formaliza “uma teoria geral que organiza, num sistema explicativo mais vasto, a interação dos processos psíquicos” (1988, p. 8).
- Para Mezan trata-se de um elemento novo; um ponto de partida para uma fase diferente da malha conceitual freudiana. Novo não apenas em relação à teoria das pulsões e à concepção da doença neurótica e por consequência da terapia (cf. *Análise terminável e interminável*), mas sobretudo novo do ponto de vista antropológico, introduzindo na psicanálise uma dimensão especulativa, a partir do tema da violência.
- As discussões relatadas no livro *A pulsão de morte* mostram claramente como estejamos longe de um consenso entre os psicanalistas sobre o alcance e a real interpretação desta teoria, no âmbito dos conceitos previamente estabelecidos por Freud para descrever o psiquismo humano, que de alguma forma a antecipam e anunciam..

CONTEXTO HISTÓRICO

- Estamos nos anos que sucedem imediatamente ao fim da Primeira Guerra Mundial.
- Derrotado e obrigado a assinar um armistício, o imperador Carlos I abdica e é proclamada a República da Áustria, decretando o fim do império..
- **Conotação violenta e cruel ao conflito**, provocada pela mudança radical das estratégias de guerra e dos armamentos. O número de mortos beira os 10 milhões.
- Fim do império austro-húngaro -> o **quadro pós-guerra traumático** contrasta com a época de ouro que Viena vivia antes da guerra, pautada pela fervilhante vida social e cultural da corte imperial, romanticamente embalada pelas notas das valsas.
- Instaure-se uma **crise econômica**. O clima social é conturbado. Em Viena falta alimento e combustível para o aquecimento. Os bens de primeira necessidade são racionados.
- A situação econômica de F. é difícil e, por algum tempo, teme pela sorte do filho que tardava a voltar do front. A febre Espanhola ceifa milhares de vítimas. A própria mulher de Freud adoece e a filha dele morre, deixando dois netos.

PRIMEIRA FORMULAÇÃO PULSIONAL

- É provável que esses fatos tenham levado Freud a refletir sobre a “violência” do viver humano: violência do desejo, do qual a guerra tinha sido uma clara expressão, violência da cultura que castra o ser humano, submetendo-o a normas e padrões que frustram seus impulsos (cf *Mal-estar da Civilização*), violência dos sistemas autoritários que incorporam o despotismo do superego.
- No entanto, o caminho através do qual Freud chega ao conceito de pulsão de morte, é outro. Já em 1895, no *Projeto para uma Psicologia Científica*, F. coloca à base do psiquismo a necessidade de reduzir as tensões ao mínimo necessário para a sobrevivência (princípio de constância).
- O que provoca a tensão é a configuração pulsional do psiquismo humano. As excitações não vêm apenas do mundo externo, mas também do mundo interno.
- O aumento da tensão origina desprazer , que resulta numa descarga em busca do prazer (alívio). -> o que caracterizaria o funcionamento do psiquismo seria a dominância do princípio do prazer.

LUST/UNLUST – PROCESSO SECUNDÁRIO

- Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, F. retoma temas já abordados no *Projeto* e em *A interpretação dos sonhos*.
 - “O propósito dominante obedecido por estes processos primários é [...] descrito como o princípio de prazer desprazer (*Lust/Unlust*) [...]. Estes processos esforçam-se por alcançar prazer, a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer. (Aqui temos a repressão).” (FREUD, 1911, p. 237s)
- O estado de **repouso psíquico original** é perturbado pelas exigências da **libido**.
- O aparelho psíquico procura satisfação mediante o processo da **alucinação**. Ao perceber porém que a alucinação não leva à satisfação, o psiquismo empenha-se em direção a uma “alteração real” -> busca de um objeto -> “comparação com os traços de memória da realidade” (processo secundário).

PRINCÍPIO DE REALIDADE – FUNÇÃO EGÓICA

- Neste momento, entram em ação os **instintos de autopreservação** do ego. “Diante das dificuldades apresentadas pelo mundo externo para a satisfação do desejo, o princípio de prazer é ineficaz e perigoso”.
- O princípio do prazer, portanto, interage com outro princípio regulador, o **princípio de realidade**, que está ligado aos processos mentais secundários, os processos em que os estímulos pulsionais são vinculados a determinadas representações.
- Esta é justamente a **função do ego**: agir como intermediário entre as exigências pulsionais do inconsciente e o mundo externo, evitando assim que a atividade pulsional se volte contra o próprio indivíduo e, permitindo, ao mesmo tempo, que a sobrecarga pulsional seja “encaminhada” pelo psiquismo de maneira a manter a tensão num estado suportável e o fluxo pulsional numa situação de **constância**.

ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER – INDÍCIOS 1

- Algumas observações a partir da experiência clínica e dos jogos infantis, levaram Freud a rever a teoria pulsional]
- O que caracteriza essas experiências é a **compulsão à repetição**. Em si, a repetição não apresentaria nenhum problema, se tivesse como objeto experiências agradáveis.
- Mas, em algumas circunstâncias, a repetição não tem como objeto experiências prazerosas e sim experiências dolorosas. Nestas experiências, conteúdos inconscientes reprimidos esforçam-se para se expressar:
 1. Sonhos que se relacionam às neuroses traumáticas. “Os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu acidente”;

ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER – INDÍCIOS 2

2. Brincadeiras das crianças: neles a criança simboliza, no gesto repetido de jogar longe de si um brinquedo, a experiência de separação da mãe. A criança, inicialmente dominada pela experiência de ser abandonada pela mãe, ao repeti-la na sua brincadeira, assume um papel ativo, como se quisesse controlá-la.
 3. Uma experiência parecida parece ser vivida pelo psiquismo nas representações artísticas que trazem à tona sentimentos dolorosos (como no caso de um drama).
- F. conclui: “Mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente”. Mesmo assim, observa Freud, em última análise, estas situações ainda têm a produção de prazer como resultado final.

ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER – INDÍCIOS 3

- Onde F. encontra um indício inegável da necessidade de ir além do princípio de prazer, é na prática analítica, em particular no fenômeno da transferência.
- No processo terapêutico o objetivo é tornar consciente o que é inconsciente. Este processo, contudo, não funciona se for apenas baseado nas considerações teóricas do analista, por este “comunicadas” ao paciente.
- Para a terapia ter efeito, o paciente é levado pelo próprio processo terapêutico a “repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de (...) recordá-lo como algo pertencente ao passado”. Fragmentos da vida sexual infantil e, em particular, elementos ligados ao complexo de Édipo e seus derivados, são retomados no processo de transferência.

ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER – INDÍCIOS 4

- Na transferência temos uma compulsão à repetição, que se origina nas **resistências do ego**, em particular no **reprimido inconsciente**. Estas resistências do ego funcionam sob a influência do princípio de prazer, pois buscam evitar o desprazer que a liberação do reprimido provocaria. Neste caso, porém, “a compulsão à repetição (...) rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer”: seu objetivo portanto não é evitar o desprazer.
- Os pacientes tendem a repetir na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas. Isto indica que há na mente “uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer”.
- Trata-se de uma necessidade cega do inconsciente de realizar o próprio desejo, que, ao ser bloqueado pelo ego, não tem outra saída a não ser repetir-se indefinidamente (tentativa de “pensar” o impensável). Como explica Mezan, referindo-se ao processo de repetição nas neuroses traumáticas, “repetir é procurar ganhar o controle da situação e também preparar o indivíduo para resistir melhor a traumas futuros, dotando-o da capacidade de desenvolver angústia e desta forma estar prevendo quando eles ocorrerem”.

A PULSÃO DE MORTE COMO ENERGIA LIVRE

- Toda vez que, no psiquismo se introduz uma quantidade exagerada de **excitação (energia livre)**, é necessário vinculá-la a determinados focos energéticos, para expeli-la sem perder o controle e obter assim o alívio.
- A **vinculação** ocorre em nível inconsciente e faz com que o fluxo livre de energia seja convertido numa **catexia quiescente** a partir dos **traços permanentes mnêmicos**, representações de experiências do mundo interno e externo, uma verdadeira **rede de simulações mentais** que se originam a partir das **facilitações** deixadas pela passagem prévia de energia psíquica por um determinado caminho.
- No caso da transferência dos acontecimentos da infância, percebe-se que este processo não obedece ao princípio do prazer. “Os traços de memória reprimidos de suas experiências primevas não se encontram presentes em estado de sujeição, mostrando-se incapazes de obedecer ao processo secundário”, que os reprimiria por serem traços de memórias de desprazer. A compulsão à repetição tem portanto um traço eminentemente instintual e, neste sentido é uma **força pulsional “livre”**.

OS INSTINTOS: VOLTA AO PRIMITIVO

- Para Freud o **instinto** é um impulso, inerente à vida orgânica, que **visa restaurar um estado anterior das coisas**, é um tipo de pulsão que **leva a voltar para o estado inorgânico**.
- F. dedica à análise dos instintos, boa parte do capítulo V. A conclusão é que o instinto somente na aparência é uma força que impele à mudança, na realidade sua **natureza é essencialmente conservadora**; seu objetivo é voltar a um estado antigo de coisas, “um estado inicial de que a entidade viva (...) se afastou e ao qual se esforça por retornar”.
- Tudo o que vive tende a morrer por razões internas, a tornar-se novamente inorgânico, neste sentido “o objetivo de toda vida é a morte”. Isto leva Freud a afirmar paradoxalmente que os instintos de auto-conservação tendem apenas a fazer com que o organismo morra de seu próprio modo. A pulsão de morte é relacionada por Freud a este tipo de instintos.

PULSÕES DE VIDA E DE MORTE

- Com a introdução do conceito de pulsão de morte o funcionamento mental passa a ter uma **conotação dialética**: por um lado uma tendência leva o psiquismo a buscar a **paz** (por isto Freud se refere ao conceito de Nirvana) , enquanto por outro lado, a libido (Eros = pulsão de vida), introduz no psiquismo uma dose de **excitação** e impulsiona no sentido da busca de um Objeto – Green associa a essa noção os conceitos de ligação e desligamento.
- Em um primeiro momento, Freud chega a dizer que o princípio de prazer, por visar a diminuição da tensão pulsional, estaria a serviço da pulsão de morte.
- Mais tarde, revê esta interpretação e prefere ver na base do psiquismo três princípios distintos, a pulsão de vida (Éros) –do qual a pulsão sexual seria uma função (cf. Green, 1988, p.56)-, o princípio de realidade e a pulsão de morte.

A “FILOSOFIA” FREUDIANA

- Com Freud a Consciência, a grande protagonista da filosofia do XIX século, perde a sua centralidade. O homem freudiano é um ser dividido. O conceito de inconsciente abre uma cisão insanável na condição humana. Com o inconsciente instaura-se no ser humano um conflito inelutável, que tem na sua base o Desejo.
- A função da terapia, conclui Mezan é “uma educação para a realidade”. O homem é chamado a superar a ilusão de poder alcançar o Objeto Primitivo. Abre-se aqui uma série de desafios, que como explica Mezan nos confrontam com a cultura, a religião, a ideologia e a própria Filosofia.
- A “Filosofia” freudiana não é pessimista e sim profundamente realista. Viver é um desafio que supõe saber “conviver”, como diria Heidegger, com a situação dramática do *dasein*, cuja “essência” é ser para a morte. Sartre aponta em seus escritos que viver é uma situação dramática pelo fato do ser humano ser “condenado” a ser livre e a escolher. Ambos reconhecem e assumem a cisão que Freud introduziu de forma tão magistral.

ALGUMAS INTERPRETAÇÕES

- Alguns psicanalistas admitem a importância da pulsão de morte, outros a questionam (Winnicott), outros a reduzem (Klein e Bion excisão [cf. 1990, pp 370-376])
- Richardt e Ikonen, dizem que o termo pulsão de morte não deveria ser tomado ao pé da letra e sugerem que, como alternativa, se fale em pulsão de ligação, pois o objetivo da pulsão de morte é justamente restabelecer a paz, vinculando a libido não ligada, fonte de toda excitação da mente (embora admitam que o termo não dá conta de todos os aspectos atribuídos à pulsão de morte). Para eles pulsão de morte seria “um apaziguamento da libido excedente não ligada”.
- Laplanche deriva a pulsão de morte do recalque originário e a situa no núcleo do Id. No primeiro caso, temos uma interpretação diria mais light da pulsão de morte, na linha de Laplanche uma interpretação mais “radical”: a pulsão da morte é considerada o “inimigo do ego”, uma energia hostil que emana do Id.

A LEITURA DE A. GREEN 1

- Situa a discussão do conceito em duas ordens:
 1. Retrospectiva: clínica, cultural, do modelo teórico da II tópica;
 2. Atual: modificação da configuração do campo clínico [emergir do narcisismo/destrutividade], “esfacelamento” do campo teórico pós-freudiano, mudança na concepção do modelo teórico geral freudiano, mudança no modelo teórico [função do objeto interno/externo, conceito de Eu/self, eliminação da reflexão sobre fenômenos culturais e metabiológicos].
- Acordo: “todos os psicanalistas se reconhecem no postulado fundamental do conflito psíquico” (1988, p 55).
- Desacordo: sobre a natureza dos elementos em conflito, suas modalidades e consequências” (id, p. 55).

A LEITURA DE A. GREEN 2

- A tese do conflito pulsional fundamental primitivo que responde à exigência de F. de explicar: a repetição, deslocamento e transportabilidade do conflito e sua permanência.
 - A pulsão de morte NÃO se opõe mais às pulsões sexuais e sim às pulsões de vida (Eros/pulsões de amor),: o que “leva F. “a falar não mais de pulsão sexual, mas de função sexual [FS]” (id, p. 56), expressão de Eros com o qual não se confunde.
 - “Em contrapartida não possuímos nenhum indício análogo ao que a libido representa para a função sexual para conhecer a pulsão de morte”(id, p. 36).
 - Qual função pode representar a pulsão de morte?
1. Para F. é a autodestruição (possível ligação com Função Sexual no sadomasoquismo);
 2. Luto insuperável como na depressão, desintegração do eu (psicose), neuroses graves, de caráter, estruturas narcísicas, borderline, angústias impensáveis, catastróficas, aniquilamento, sentimento de inutilidade, de futilidade, desvitalização, buracos sem fundo
 3. .

A HIPÓTESE DE GREEN 1

- Pressuposto: 1. as duas pulsões sópodem ser compreendidas de forma complementar, 2. a teoria pulsional pertence à ordem dos conceitos e não é totalmente provada pela experiência (*o objeto é o revelador das pulsões*).
- Os grandes mecanismos descritos por F. como característicos da pulsão de vida/morte são ligação/desligamento.
- A pulsão de morte não comporta apenas o desligamento
- “A meta essencial das pulsões de vida é garantir uma **função objetivante**” (id, p. 59), mediante o “**investimento**” que pode tornar objeto qquer coisa, até estruturas (ex. EU).
- A função da pulsão de morte é desobjetivante mediante o **desinvestimento (oposto do trabalho do luto)**.
- Narcisismo negativo=aspiração ao nível 0, função desobjetivante que recai sobre o investimento (processo objetivante).

A HIPÓTESE DE GREEN 2

- Função central do objeto primário que deve poder ser esquecido para poder permitir a objetivação de outros objetos (complexo de Édipo)
- Reinterpretação dos mecanismos de defesa à luz das pulsões de vida e morte:
 1. Defesas primárias (negação [verneinung], clivagem (verleugnung), forclusão [vewerfung]) e secundárias
 2. “Quanto mais próximos estivermos do recalque [verdrängung] mais a polaridade ligação/desligamento vem acompanhada de um religamento no lcs (deslocamento, condensação, , etc.), quanto mais nos afastamos do recalque, mais constatamos a ação dos outros tipos de defesas primárias (clivagem, forclusão, negação)” onde o desligamento tende a levar a melhor.
 3. A meta objetivante das pulsões de vida tem como consequência principal realizar, mediante a função sexual, a simbolização (Bion, Winnicott, Lacan). A intricação dos dois grupos pulsionais é indispensável para a teoria do funcionamento psíquico.